

**Relaciones luso-castellanas
en la Edad Media.
Espacios, cultura,
sociedades**



**César Olivera Serrano
(Coord.)**

DYKINSON

RELACIONES LUSO-CASTELLANAS EN LA EDAD MEDIA

RELACIONES LUSO-CASTELLANAS EN LA EDAD MEDIA
ESPACIOS, CULTURA, SOCIEDADES

César Olivera Serrano
(coord.)

DYKINSON
2025

A POSTERIDADE PORTUGUESA DE UNS ANAIS CASTELHANOS

Filipe Alves Moreira
Universidade Aberta

Ao contrário do que acontece com outros gêneros, como as crônicas, a circulação de textos analísticos entre Portugal e os restantes reinos ibéricos tem recebido pouca atenção, especialmente no que se refere aos anais produzidos depois do século XII¹. Isto não é surpreendente, já que muitos dos anais portugueses da Baixa Idade Média eram, até recentemente, desconhecidos, estando ainda pouco estudados e editados; há, inclusive, alguns que possivelmente ainda não foram identificados². No entanto, certos indícios sugerem que, à semelhança do que sucedeu com outros tipos de textos, também os anais circularam por todas as partes da Península Ibérica nos últimos séculos da Idade Média e durante a Época Moderna³.

Este trabalho procura avançar um pouco nesta problemática, ocupando-se de duas compilações analísticas⁴ portuguesas parcialmente construídas com base em materiais castelhanos, uma das quais inédita e praticamente desconhecida. Após uma descrição geral de cada uma dessas compilações, tratarei de sistematizar as relações intertextuais de ambas com anais castelhanos.

1 Para os anais anteriores ao século XIII, veja-se BAUTISTA, “Breve Historiografía. Listas régias y anales en la Península Ibérica (siglos VII-XII)” e FURTADO, “Writing history in Portugal before 1200”.

2 MOREIRA, “Os anais portugueses (séculos XIV-XVI) e a *Bibliografía de Textos Antigos Galegos e Portugueses* (BITAGAP)”.

3 Ainda que se afirme muitas vezes que os anais são um gênero especificamente medieval, isso não é correto. Pelo contrário: pelo menos em Portugal, tudo indica que eles foram mais comuns durante o século XVI que em épocas anteriores, tendo sido ainda produzidos com frequência durante os séculos XVII e XVIII. Que possam ter tido diferentes funcionalidades em diferentes espaços e lugares, é outra questão (de resto, também ela pouco estudada).

4 Por “compilações analísticas” entendo um conjunto de anais resultante da compilação sequencial ou cronologicamente ordenada de anais previamente existentes.

1. 1ª CRÓNICA BREVE DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

1.1. Testemunho

A primeira destas compilações é normalmente conhecida pela designação de *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* (BITAGAP⁵ textid 1240), título adotado por Alexandre Herculano, responsável pela sua primeira edição, incluída nos *Portugaliae Monumenta Historica*. É um título pouco apropriado por não se tratar, verdadeiramente, de uma crónica. Estes anais são parte de um dos mais famosos manuscritos medievais portugueses, conhecido, precisamente, na esteira de Herculano, como *Crónicas Breves e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, mas em tempos anteriores chamado *Livro das Lembranças*⁶, designação que, sendo igualmente convencional e atribuída *a posteriori*, é menos equívoca e será, por essa razão, aqui utilizada quando me referir ao manuscrito no seu conjunto.

Como indica o título que Herculano lhe atribuiu, este códice pertencia à livraria do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, tendo sido levado para o Porto nas primeiras décadas do século XIX, na sequência da desamortização das casas religiosas masculinas ordenada pelo regime liberal. Está, desde então, na Biblioteca Pública Municipal dessa cidade, onde tem a cota Santa Cruz 86⁷. É não só um dos mais famosos, mas também um dos mais complexos manuscritos medievais portugueses. Resulta, com efeito, da junção de cadernos (alguns em pergaminho, outros em papel) previamente independentes, junção essa levada a cabo no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, possivelmente no século XVI (segundo indiciam as características da encadernação que possui). Pelo menos alguns desses cadernos faziam também parte da livraria de Santa Cruz antes da sua reunião num único códice, mas não é seguro que possamos dizer o mesmo em relação a todos eles. Embora todos os cadernos reunidos no *Livro das Lembranças* sejam, do ponto de vista material, atribuíveis às décadas centrais do século XV (entre ca. 1440 e ca. 1480), contêm textos de

5 *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses (BITAGAP)*.

6 Já lhe era atribuído este título no século XVII: CRUZ, *Anais, crónicas e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra* [introdução não numerada].

7 Podem ver-se descrições deste manuscrito na BITAGAP – *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*, em linha (manid 1492) e também em: CRUZ, *Anais, crónicas e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra* [na introdução não numerada]; NASCIMENTO e MEIRINHOS, *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, pp. 346-350.

cronologias e tipologias muito diversas, seja originais portuguesas, seja traduções do latim para português. Parece nítida a intenção de criar, com a reunião destes materiais, uma memória do mosteiro em estreita ligação com a memória da Casa Real portuguesa, traçando a história de ambos e incluindo vários momentos em que mosteiro e Casa Real aparecem interligados, por exemplo através de relatos fundacionais do cenóbio (recorde-se que o apoio de Afonso Henriques foi decisivo na sua fundação), de notícias de sepulturas de membros da família real em Santa Cruz ou de narrativas em que as próprias almas dos reis surgem a defender o mosteiro em contextos marcados por conflitos jurisdicionais ou patrimoniais⁸.

A compilação analítica a que, após Herculano, é comum chamar-se *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* ocupa o caderno inicial do *Livro das Lembranças*, o qual é em pergaminho e constituído pelos fólhos 2 a 11 (antes deste caderno, há um fólio avulso em pergaminho, com uma oração). Foi escrito todo pelo mesmo escriba, na segunda metade do século XV. Posteriormente, já no século XVI (porventura no momento de constituição do códice), estes anais receberam um título: “Caderno de memorias dos reis que forã nestes Reinos” (fl. 2r). Título, porém, erróneo, já que, como em seguida veremos, nem só dos reis de Portugal tratam estes anais.

1.2. Conteúdos da compilação analítica

Estamos, com efeito, perante uma vasta compilação analítica em que é difícil encontrar-se uma ordem ou fio condutor. Aparentemente, o escriba decidiu reunir num só conjunto uma série de anais que se encontravam na livraria do mosteiro de Santa Cruz ou a que os cruzados tiveram acesso⁹, sem preocupações cronológicas nem de outro tipo, exceto no início, em que surge um conjunto de notícias cronologicamente ordenadas e relativas à história bíblica e universal que, como era habitual, fazem as vezes de enquadramento geral. Este começo associa, assim, o sagrado e universal ao profano e local de que se ocupam a maior parte das entradas.

Após esse enquadramento inicial (a que mais adiante voltarei), e como era também habitual, estes anais vão estreitando horizontes, surgindo, com

⁸ Sobre este tipo de narrativas, veja-se ROSA, *Santos e demónios no Portugal Medieval*, pp. 175-183.

⁹ Isso mesmo é por vezes explicitado. Por exemplo: “Em huum liuro de Sam Pedro dAalmjdina diz que [...]”, CRUZ, *Anais, Crónicas Breves e Memórias Avulsas*, p. 97.

poucas exceções, uma série de notícias sobre a Península Ibérica e sobre Portugal, reino a que são dedicados mais de dois terços do conjunto. A conquista de Arzila pelos portugueses no tempo de Afonso V (1471) e o Papa Sisto IV (1471-1484) são os acontecimentos ou figuras históricas mais recentes mencionados, o que nos permite estabelecer que esta compilação de anais não pode ser anterior à década de 1470 (pelo conteúdo), nem muito posterior a essa mesma década (pelo tipo de letra e pela encadernação quinhentista do volume).

Para que se tenha uma ideia do conteúdo destes anais, forneço em seguida uma divisão dos mesmos em secções, de acordo com critérios simultaneamente temáticos e cronológicos. É bem possível que várias destas secções tenham sido inicialmente autónomas ou tenham feito parte de outras compilações, consistindo a falta de ordenação cronológica um indício de que o escriba deste caderno do *Livro das Lembranças* se limitou a copiá-las (e/ou a traduzi-las) umas após outras; nem sempre, porém, esse critério é seguro, como em seguida se verá a propósito das relações deste conjunto com anais castelhanos. Esta compilação pode dividir-se nas seguintes secções¹⁰:

- 1): Da criação do mundo até à morte de D. Afonso Henriques (quatro notícias sobre batalhas e conquistas do tempo dos reis castelhanos Afonso VIII e Fernando III quebram a linha cronológica): fl. 2-3r.
- 2): História de Portugal: desde a morte de D. Dinis até ao cerco de Ceuta pelos muçulmanos (1419): fl. 3-5r.
- 3): Parágrafos não analíticos sobre a criação do mundo e a conversão entre as diferentes formas de contagem das eras: fl. 5r-5v.
- 4): História de Portugal: notícias sobre o reinado de Afonso V: fl. 5v-6r.
- 5): Notícias sobre priores de Santa Cruz de Coimbra: fl. 6r-6v.
- 6): História de Portugal: conquista de Leiria por D. Afonso Henriques, perda e recuperação dessa localidade: fl. 6v.
- 7): Notícias sobre ofertas de objetos de luxo do rei D. Duarte a Santa Cruz e Santa Clara de Coimbra: fl. 6v-7r.
- 8): Notícia sobre reforço do castelo de Leiria: fl. 7r.
- 9): Notícias sobre fenómenos climatéricos e outros, maioritariamente da região de Coimbra, ocorridos entre 1348 e 1385: fl. 7r-7v.
- 10): História de Portugal: notícias sobre D. Afonso Henriques: fl. 8r-8v.
- 11): Citações de teólogos: fl. 9r.
- 12): Notícia de uma cheia em Coimbra, em 1331: fl. 9r.

10 Está em preparação um estudo mais detalhado sobre a constituição de cada uma destas secções.

- 13): Notícias sobre ofertas de objetos de luxo de Sancho I a Santa Cruz de Coimbra: fl. 9r-9v.
 14): História de Portugal: notícias sobre D. Fernando: fl. 9v.
 15): Notícias de calamidades naturais: fl. 9v-10r.
 16): Notícias sobre a conquista de Coimbra pelo rei Fernando Magno, de Castela e Leão: fl. 10r.
 17): Notícias sobre o conde D. Henrique e D. Afonso Henriques: fl. 10r-10v.
 19). Orações papais. É mencionado o papa Sisto IV [1471-1484]: fl. 11r-11v.

1.3. A 1ª Crónica Breve de Santa Cruz e anais castelhanos

Como facilmente se constata, o foco de atenção desta compilação analítica é a história portuguesa. Simplesmente, e como era então habitual, esta história é enquadrada e antecedida por um esboço de história universal, que vai progressivamente centrando atenções na Península Ibérica, para logo depois passar, em exclusivo, para a história portuguesa¹¹. Esta secção inicial, de história universal e ibérica, embora siga uma organização cronológica linear, com poucas exceções (nomeadamente notícias relativas aos reis Afonso VIII e Fernando III de Castela e Leão), teve certamente fontes distintas. Especialmente as entradas sobre D. Afonso Henriques, que por vezes se repetem em diferentes secções desta mesma compilação e em outras compilações analíticas de Santa Cruz, têm, seguramente, origem portuguesa, muito provavelmente crúzia¹². Mas o mesmo não sucede com a história universal e ibérica, para a qual têm sido identificados paralelos com a tradição analítica castelhana.

Estes paralelos foram adiantados, pela primeira vez, pela BITAGAP (*Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*), do projeto Philobiblon, em cuja ficha dedicada à 1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra (BITAGAP Texid 1240) se afirma, desde 2012, que

Informa Filipe Alves Moreira [...] que o texto [da *Primeira Crónica Breve de Santa Cruz*] pode ser considerado, na parte inicial, uma tradução abreviada do texid 2617 da BETA (*Cronicón Cordubense*). A coincidência é manifesta e seria difícil de explicar se

11 As raras exceções de entradas que não dizem respeito a Portugal (como orações papais) não têm a forma analítica e é possível que resultem do preenchimento de espaços em branco no(s) antígrafo(s) deste manuscrito de Santa Cruz.

12 O próprio texto, aliás, o denota, por exemplo referindo-se ao “liuro das eras da samcristia” (fl. 7v), que é o chamado *Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra* (BITAGAP Texid 1057).

o texto português não fosse tradução do texto espanhol. Ainda por explicar é a selecção operada pelo redactor português, mas, pode considerar-se seguro que o princípio do texto português é tradução abreviada do texto espanhol.

O *Cronicon Cordubense* (BETA Texid 2617) é uma compilação analística dada a conhecer por Menéndez Pidal em finais do século XIX e cem anos depois editada por Derek Lomax¹³, a partir do único testemunho então conhecido (Biblioteca General Histórica de la Universidad de Salamanca, ms. 1866, fols. 96v-112r, BETA manid 1386). Baseado em estudos prévios (nomeadamente do mesmo Menéndez Pidal) e na análise da única cópia que conhecia, Lomax considerou-o um texto originário de Córdoba, escrito em inícios do século XV, mas depois de 1419, data da entrada mais recente. Considerou também tratar-se de um texto constituído por duas partes: primeiro um conjunto de entradas sobre história antiga baseadas maioritariamente na *Estoria de España* de Alfonso X, depois uma segunda parte sobre história recente e com forte incidência localista andaluza.

A edição de Lomax permite estabelecer evidentes analogias com o texto da *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra*. O que um e outro texto têm em comum é o seguinte¹⁴. A correspondência entre ambos começa por ser imperfeita, pois as informações contidas nas primeiras cinco entradas do texto português são apenas uma parte, muito resumida, do texto castelhano. A lista de correspondências entre as primeiras entradas da *1ª Crónica Breve* e as do *Crónicon Cordubense* é:

[1CB, 1/ CC, 1] Anos desde a criação do mundo até à Encarnação;

[1CB, 2 / CC, 1] Anos desde o dilúvio até à Encarnação;

[1CB, 3 / CC, 1] Entrada e saída de Noé da arca;

[1CB, 4] Nascimento de Alexandre, o Grande;

[1CB, 5 / CC, 1] Nascimento de Jesus Cristo.

Vem, depois, um conjunto de seis entradas cuja correspondência com o texto castelhano é já notória e quase integral:

13 LOMAX, “El *Cronicón Cordubense* de Fernando de Salmerón”.

14 As edições utilizadas são, respetivamente: LOMAX, “El *Cronicón Cordubense* de Fernando de Salmerón”; FONSECA, *Crónicas Breves e Memórias Avulsas de S. Cruz de Coimbra*, pp. 91-95. O número entre parêntesis reto indica a ordem das entradas nos respetivos anais. Este mesmo sistema de referência será seguido ao longo deste trabalho. CC indica *Crónicon Cordubense* e 1CB indica *1ª Crónica Breve*.

- [CC, 56] En la era de Çesar de trezientos e vn annos en el tiempo de Sant Siluestre papa fue Costantino enperader bautizado e fizo la santa iglesia sennora del imperio / [1CB, 6] Em a era de IIIc LXXVII anos, no tempo de Sam Silvestre papa, foi baptizado o imperador Constantim. E fez a Santa Igreja senhora do império na era de VIc anos.
- [CC, 57] En la era de Çesar de seteçientos e veynte e çinco annos començo Mahomad la seta de los moros en Arabia / [1CB, 7] Em a era de VIc anos se começou a seita dos Mouros de Mafamede, em Arábia
- [CC, 58] En la era de Çesar de seteçientos e çiuquenta e ocho annos rregnaua en Castilla e en toda la tierra de Espanna e en Marruecos el rrey Rodrigo el que perdió la tierra / [1CB, 8] Em quando andava a era em VIIc e L anos, regno[u] el-rei Rodrigo em Espanha, e durou em seu regno sete anos. E no seu tempo se perdeu a terra até Asturias, e cobraram-na os Mouros.
- [CC, 65] En el anno de Nuestro Sennor de seteçientos e treynta e siete annos vino Carlos Maynete a Toledo por seruir al rrey Galafre quando le leuo a la infanta Galiana a Paris a tornola cristiana e casose con ella / [1CB, 9] Na era de VIIc LIX veo Carnos, filho d'el-rei de França, a Toledo a ajudar rei Galofre, quando levou Galiana, filha do dito rei mouro a Paris, e feze-a cristãa e casou com ela.
- [CC, 64] En el anno de Nuestro Sennor de ochoçientos e treynta e dos annos començo la orden de Santiago en el tiempo del rrey Rramiro / [1CB, 10] Era de VIIIcLX se começou a ordem da cavalaria de Sant'Iago, em tempo d'el-rei Ramiro.
- [CC, 66] En el anuo del nasçimiento de Nuestro Sennor de mill e setenta e quatro annos fue presa Toledo en el dia de Sant Urban e ganola el rrey don Alfonso hermano del rrey don Sancho que murio sobre Zamora. En este anno tomo el Çid a Valencia e fue sennor della çinco anos / [1CB, 12] Em a era de mil e cento e doze anos, em dia de Santo Urbano, filhado Toledo aos Mouros. [1CB, 13] Em a era de mil e cento e vinte e sete anos, filhou Cide Rui Dias aos Mouros Valença.

A verificação destas semelhanças e diferenças conduziu à afirmação da BİTAGAP previamente citada, segundo a qual o texto português seria, no seu início, um resumo seletivo do castelhano, ficando por explicar a lógica subjacente a esse resumo. É claro que muitas destas notícias eram muito conhecidas durante a Idade Média, podendo a sua difusão ocorrer por diferentes meios. Porém, a coincidência literal e a mesma ordenação de várias entradas deixa transparecer a relação existente entre estes anais portugueses e os castelhanos. E as dúvidas dissipar-se-ão se a esse argumento juntarmos a origem conhecida de, pelo menos, uma das entradas comuns a ambos: o surgimento da Ordem de Santiago no tempo de Ramiro I. Trata-se de uma ficção criada por uma das versões da *Estoria de España* de Afonso X no final do século XIII¹⁵ e

15 Tal como foi demonstrado por FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, *Versión Crítica de la Estoria de España. Estudio y edición desde Pelayo hasta Ordóño II*, pp. 243-244.

por isso dificilmente seria incluída em séries analísticas que fossem independentes entre si.

Anos depois, o estudo deste *Cronicon cordubense* e das suas relações com os anais portugueses conheceu avanços importantes. Quanto ao estudo do *Cronicon Cordubense*, um trabalho de Covadonga Valdaliso e de Carmen Benítez reponderou o seu estatuto, pondo em causa algumas das conclusões de Lomax e identificando um conjunto de anais andaluzes com os quais o *Cordubense* está relacionado, constituindo uma espécie de família¹⁶. Consideram estas autoras que o *Cronicon Cordubense* não é uma compilação original feita a partir de diferentes fontes (como pensava Lomax), mas sim uma menos original atualização de textos pré-existentes. Além disso, Valdaliso e Benítez acrescentaram ao único testemunho manuscrito do *Cronicon Cordubense* então identificado dois outros, ainda que com finais diferentes, devido a omissões e a adições posteriores. Estes dois novos testemunhos estão presentes no ms. 9436 da BNE (fls. 198-206; BETA manid 1658) e no ms. X-2-23 do Escorial (fls. 205-216; BETA manid 2224).

Pouco após, uma destas autoras, Covadonga Valdaliso, prosseguindo por esta via, avançou novos dados relevantes para a compreensão da relação destes anais castelhanos com a *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra*. Entre os textos pertencentes à família de anais andaluzes estudados por Valdaliso e Benítez estão os chamados *Anales del infante*, de meados do século XIV, que as mesmas autoras editaram num outro trabalho¹⁷. E, como notou Valdaliso na sua tese de doutoramento sobre anais sevillanos¹⁸, a comparação entre o *Crónicon Cordubense*, os *Anales del Infante* e a *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* mostra que, apesar das coincidências entre todos, é com os segundos que o texto português revela um maior grau de proximidade. Com efeito, a partir da entrada relativa ao nascimento de Cristo, com a qual se iniciam os testemunhos conhecidos dos *Anales del infante*, a coincidência entre estes e os anais portugueses é clara, tanto na ordenação como no conteúdo das sucessivas entradas¹⁹:

16 BENÍTEZ e VALDALISO, “Los Anales Cordubenses y la historiografía breve andaluza de la Baja Edad Media”.

17 BENÍTEZ e VALDALISO, “Los anales del infante: un registro analístico inédito del reinado de Alfonso XI”.

18 VALDALISO, *Los anales sevillanos de 1407. Estudio y edición de la última parte de la Estoria del fecho de los Godos*, pp. 54-57.

19 As edições utilizadas são: BENÍTEZ e VALDALISO, “Los anales del infante: un registro analístico inédito del reinado de Alfonso XI” e PEIXOTO, *Anais, Crónicas Breves e Memórias Avulsas*. AI significa *Anales del Infante*, 1CB significa *1ª Crónica Breve*.

- [AI,1] En la era de XXXVIII años vino el fijo de Dios en el mundo y tomó carne en la bienaventurada Virgen señora santa María y nació della e fincó ella virgen ante y después siempre. [AI, 2] En la era de LXX años mes y nueve días más, Jesucristo nuestro señor Dios e ome, fijo de la Virgen bienavnturada santa María, tomó muerte y passión por nos pecadores salvar. / [1CB, 5] E, quando andava a era de César em XXXVIII anos, naceu Nosso Senhor Jesu Cristo. E, andados seis meses e seis dias da era de se-teenta anos, padeceu morte Nosso Senhor Jesu Cristo polos pecadores salvar.
- [AI, 3] En la era de 377 años en el tiempo de sant Silvestre, fue Constantino emperador bautizado, e fizo a la santa Iglesia señora del imperio / [1CB, 6] Em a era de IIIc LXX-VII anos, no tempo de Sam Silvestre papa, foi baptizado o imperador Constantim. E fez a Santa Igreja senhora do império na era de VIc anos.
- [AI, 4] En la era de 625 años comenzó Mahomad la seta de los moros en Arabia./ [1CB, 7] Em a era de VIc anos se começou a seita dos Mouros de Mafamede, em Arábia.
- [AI, 5] En la era de 750 años regnó el rey Rodrigo. E duró en su regno siete años y medio, cuando se perdió la tierra fasta en los puertos d'Aspa. / [1CB, 8] Em quando andava a era em VIIc e L anos, regno[u] el-rei Rodrigo em Espanha, e durou em seu regno sete anos. E no seu tempo se perdeu a terra atá Asturias, e cobraram-na os Mouros.
- [AI, 8] En la era de 790 años vino Carlos a Toledo para servir al rey Galafre, cuando levó a Galiana a París y tornóla cristiana y casó con ella. / [1CB, 9] Na era de VIIc LIX veo Carnos, filho d'el-rei de França, a Toledo a ajudar rei Galofre, quando levou Galiana, filha do dito rei mouro a Paris, e feze-a cristãa e casou com ela.
- [AI, 11] En la era de 860 años comenzó la orden de Santiago en el tiempo del rey don Ramiro / [1CB, 10] Era de VIIIcLX se começou a ordem da cavalaria de Sant'Iago, em tempo d'el-rei Ramiro.
- [AI, 12] En la era de 1112 años fue presa Toledo en el día de sant Millán / [1CB, 12] Em a era de mil e cento e doze anos, em dia de Santo Urbano, filhado Toledo aos Mouros.
- [AI, 13] En la era de 1132 años presó el Cid Ruy Díaz a Valencia / [1CB, 13] Em a era de mil e cento e vinte e sete anos, filhou Cide Rui Dias aos Mouros Valença.
- [AI, 32] En la era de 1274 años fue presa Córdoba en la fiesta de sant Pedro y sant Pablo. / [1CB, 14] Em o ano de mil IIc e LXXIII^o anos, na festa de Sam Pedro e Sam Paulo, filhou el-rei Dom Fernando Córdoba aos Mouros.
- [AI, 45] En la era de 1287 años fue presa Sevilla en la fiesta de sant Clemente. / [1CB, 15] Em o ano da era de mil e duzentos e oitenta e sete anos, em dia de Sam Clemente, foi filhada Sevilha aos Mouros.

Esta importante constatação obriga a abandonar a ideia de que a *1^a Crónica Breve* consiste, no seu início, num resumo seletivo do *Cronicon Cordubense*, ao contrário do que sustentava a BITAGAP. À vista dos *Anales del infante* e da maior proximidade destes com a *1^a Crónica Breve*, a conclusão tem de ser outra. Essa conclusão também não pode ser, no entanto, a de que a *1^a Crónica Breve* deriva dos *Anales del Infante*. Demonstram-no as respetivas

entradas sobre a conquista de Toledo, ocorrida, segundo os *Anales del Infante*, no dia de Sant Millán, e segundo o texto português no dia de Santo Urbano. Como notaram as editoras dos *Anales del infante*²⁰, a lição correta, *Sant Urban*, ocorre somente, em toda esta família de anais andaluzes, no *Crónicon Cordubense*. A coincidência deste com a *1ª Crónica Breve* nesse particular afasta a hipótese de derivação desta dos *Anales del Infante*.

Valdaliso caracteriza a relação entre todos estes textos, dizendo que

La serie portuguesa transmite apenas el que probablemente fuese el armazón del listado. La inclusión de otras entradas, especialmente entre el segundo y el tercer grupo, y la agregación de noticias posteriores habría dado forma a las composiciones que hemos visto y, seguramente, también a otras no conservadas²¹.

Seguindo por esta via, identificam-se um conjunto de entradas que constituiria essa série primitiva, da qual terão derivado o *Crónicon Cordubense*, os *Anales del infante* e a *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra*:

Nascimento de Cristo
 Morte de Cristo
 Batismo de Constantino, a Igreja senhora do império
 Começo da seita dos mouros
 Reinado de Rodrigo com a perda de Espanha
 Rapto e conversão de Galiana
 Começo da Ordem de Santiago, em tempos do rei Ramiro
 Conquista de Toledo
 Conquista de Valência
 Conquista de Córdoba
 Conquista de Sevilha

É possível que desse antecedente comum constasse também a única entrada privativa do texto português, a morte dos doze pares em Roncesvalles: “[11] Em ano da era de novecentos anos, no mês de Junho, foram mortos os dozes pares”²². Segundo Valdaliso, esta entrada estaria registada somente numa outra série de anais, conhecida por *Chronicon cerratense* (a versão latina) e por *Anales hasta la conquista de Jaén* (a versão castelhana), possível-

20 BENÍTEZ e VALDALISO, “Los anales del infante: un registro analístico inédito del reinado de Alfonso XI” ..., p. 458.

21 VALDALISO, *Los anales sevillanos de 1407...*, p. 57.

22 PEIXOTO, *Crónicas Breves e Memórias Avulsas de S. Cruz de Coimbra*, p. 91.

mente produzidos no entorno régio castelhano na segunda metade do século XIII e não diretamente relacionados com a família de anais andaluzes de que fazem parte o *Cordubense* e os *Anales del infante*²³. No entanto, não parece plausível que os anais portugueses tenham inserido esta notícia — e apenas esta — entre outras que derivam de um antecedente comum aos textos analisados. Além disso, como veremos adiante, há outro conjunto de anais portugueses relacionados com estes que também inclui esta mesma informação sobre a morte dos doze pares.

A circulação de listas analísticas castelhanas em Portugal não ficou restrita apenas a Santa Cruz de Coimbra. A seguir, apresento outro exemplo de anais que demonstram essa mesma presença. Embora estes novos anais levantem ainda mais questões do que trazem respostas, considero válido mencioná-los; afinal, como bem dizem Benítez e Valdaliso, “cada nuevo texto que pueda ser relacionado con los ya conocidos [tiene] una crucial importancia, pues constituirá una pieza necesaria para resolver el rompecabezas que son, hoy por hoy, estas composiciones cuando se observan como un todo”²⁴.

2. ANAIS QUINHENTISTAS DA AJUDA

A segunda compilação analística portuguesa relevante para esta problemática é por mim designada por *Anais quinhentistas da Ajuda*. Trata-se de uma das três mais extensas compilações analísticas portuguesas conhecidas, juntamente com a já referida *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* e com o *Livro da Noa*, também de Santa Cruz de Coimbra (BITAGAP manid 1057). Ao contrário destas duas, permanece, porém, inédita, esperando-se para breve edições parciais e integrais. Trata-se de uma compilação analística que, tal como a anterior, se ocupa sucessivamente da história universal, ibérica e portuguesa, embora, desta vez, com cronologia mais linear. Subsiste em duas cópias, ambas aparentemente da primeira metade do século XVI, cujas características e conteúdo descrevo em seguida²⁵.

23 VALDALISO, *Los anales sevillanos de 1407*, p. 55. Este *Chronicon cerratense* e a sua versão castelhana foram publicados por BENÍTEZ e VALDALISO, “Historiografía breve en el siglo de Alfonso X”, p. 283-285.

24 BENÍTEZ e VALDALISO, “Historiografía breve en el siglo de Alfonso X. Composiciones analísticas castellanas en el tránsito de la Plena a la Baja Edad Media (1250-1350)”, p. 272.

25 Agradeço, muito penhoradamente, à Biblioteca da Ajuda pelas facilidades com a consulta dos manuscritos aí guardados.

2.1. Testemunhos

2.1.1. Manuscrito 50-V-20 do Palácio da Ajuda (Lisboa)²⁶, que passarei a designar por A1. É um códice com 161 fólhos em papel, *in folio*, encadernação em pele e duas foliações: uma da época, em numeração romana; outra moderna, em numeração árabe. Parece ter sido escrito por um só copista, numa letra gótica cursiva típica das primeiras décadas do século XVI. Consiste numa miscelânea historiográfica, de que fazem parte os seguintes textos:

- 1) Pequeno tratado sobre as indulgências: fl. [1]
- 2) “Prologo” geral a esta compilação historiográfica, aqui chamada “breue tratado²⁷”: fl. 1r²⁸.
Certa passagem deste prólogo refere, a traços largos, as principais fontes desta miscelânea, que são memórias alheias, memórias pessoais e textos escritos: “prepus dee neste breue tratado copmillar [*sic*] escrever has cousas que de meus hamtepasados hapremdii he Nas coronicas ly he pello dyscurso dos tempos vy segumdo a capacidade de minha memoria he lembramçaa poder comprehendr” (fl. 1r).
- 3) *Crónica de D. João II*, de Rui de Pina (BITAGAP Texid 1150): fl. 1v-64r. Cópia integral desta crónica, com exceção do respetivo prólogo (substituído, de certo modo, pelo prólogo geral deste manuscrito) e interessantes variantes que convirá estudar.
- 4) Carta de Paulo de Portalegre, lóio e confessor do duque de Bragança, a D. Isabel, duquesa (BITAGAP Texid 9568): fl. 64r-83r.
- 5) Sumário dos reis de Portugal: fl. 83r-97v. Termina com o alçamento de D. João III ao trono (1521) e com uma lista dos filhos do rei D. Manuel, respetivo local e data de nascimento.
- 6) Descrição do mundo, cômputo das idades do mundo e anais históricos, escritos a duas colunas: fl. 98r-122v. Este conjunto, de que tratarei mais à frente, termina com uma entrada sobre o discutido casamento do infante D. Fernando, irmão de D. João III, com a filha do conde de Marialva (Guiomar Coutinho), em 1529.
- 7) Descrição da província de Entre-Douro-e-Minho, escrita por Mestre António, cirurgião de Guimarães, em princípios do século XVI: fl. 123-132v.
- 8) Regras e cerimoniais da eleição do imperador da Alemanha: fl. 133.

²⁶ Está também descrito na *BITAGAP – Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*, em linha (manid 1675), embora nem tudo o que em seguida exporei conste dessa descrição.

²⁷ Em todas as transcrições, limito-me a indicar a resolução de abreviaturas em itálico e a separar ou unir palavras.

²⁸ Numeração moderna, a lápis. Coincide, porém, com uma numeração antiga, contemporânea da escrita do códice e visível em boa parte das páginas.

- 9) Lista de títulos nobiliárquicos, de bispados e de arcebispos existentes em Portugal, Castela, Aragão, Valência, França, Inglaterra, Alemanha e Itália: fl. 134-138r.
- 10) Lista de despesas dos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V: fl.138-139. Esta lista, de que se conhecem várias cópias com variantes, foi já publicada e estudada (incluindo uma alusão à cópia presente neste manuscrito da Ajuda) por Jorge Faro²⁹.
- 11) Lista de gastos de Carlos, o Temerário: fl. 140.
- 12) Carta de Luis XII ao governador da Normandia sobre a batalha de Ravena (1512), seguida de lista de mortos nessa batalha: fl. 140v-141.
- 13) Anais do reinado de D. Manuel, ou, melhor dizendo, do tempo deste rei, pois que incluem também, por exemplo, uma entrada sobre a morte de Filipe I de Castela (1506) e nem sempre seguem a ordem cronológica dos eventos: fl. 141v-143v.
- 14) Descrição da entrada de D. Maria, irmã de Henrique VIII de Inglaterra, com Luís XII (1514): fl. 143v-144v
- 15) Carta sobre a coroação de um imperador do Sacro Império, em Bolonha: fl. 145-152r.
- 16) Mais cartas sobre assuntos relativos ao Sacro Império: fl. 152v-160.

2.1.2. Manuscrito 51-X-22 do Palácio da Ajuda, que passarei a designar por A2³⁰. É um códice com 163 fólios em papel (com falta do fólio 147), *in folio*, encadernação em pergaminho novo e duas foliações: uma da época, em numeração romana; outra moderna, em numeração árabe. Parece ter sido escrito por um só copista, na mesma letra gótica cursiva típica das primeiras décadas do século XVI. É igualmente uma miscelânea historiográfica, constituída por, pelo menos³¹, os seguintes textos:

- 1) *Crónica de D. João II*, de Rui de Pina (BITAGAP Texid 1150): fl. 1-76. Cópia integral desta crónica, exceto o respetivo prólogo.
- 2) Carta de Paulo de Portalegre, lóio e confessor do duque de Bragança, a D. Isabel, duquesa (BITAGAP Texid 9568): fl. 76v-95.

29 FARO, *Receitas e despesas da fazenda real de 1384 a 1481 (Subsídios documentais)*, pp. 55-117.

30 Está também descrito na *BITAGAP – Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*, em linha (manid 3984), embora nem tudo o que em seguida exporei conste dessa descrição. Por outro lado, e devido ao notório mau estado em que se encontra, a descrição geral que aqui forneço tem como base a que foi feita por Conceição Geada, antiga bibliotecária da Ajuda, no volume 16 do catálogo manuscrito de códices da estante número 51 desta biblioteca. Consulte diretamente apenas a secção com a descrição do mundo, as idades do mundo e os anais históricos.

31 Digo “pelo menos” porque, devido ao mau estado em que se encontra, não me foi possível uma leitura integral. A lista de textos nele constantes que em seguida forneço é a que foi elaborada por Conceição Geada.

- 3) Sumário dos reis de Portugal: fl. 95v-110v. Abrange os reis desde D. Afonso Henriques até D. João III.
- 4) Descrição do mundo, cômputo das idades do mundo e anais históricos: fl. 111-135v. É a mesma descrição, o mesmo cômputo e os mesmos anais que estão em A1, adotando, inclusivamente, a mesma disposição em duas colunas. A última entrada é, contudo, sobre a falta de sal em Coimbra, no ano de 1525. Destaca-se graficamente das anteriores e coincide com a penúltima entrada que consta da cópia destes mesmos anais presente em A1. Mais adiante veremos a relevância destes factos.
- 5) Descrição da província de Entre-Douro-e-Minho, escrita por Mestre António, cirurgião de Guimarães, em princípios do século XVI: fl. 136-144v. Foi editada, a partir deste mesmo testemunho, por Carlos Manuel Valentim³².
- 6) Lista de despesas dos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V: fl.145-146. Lista já publicada e estudada por Jorge Faro, embora não se refira a esta cópia em concreto³³.
- 7) Lista de gastos de Carlos, o Temerário: fl. 146v.
- 8) Carta de Luis XII ao governador da Normandia sobre a batalha de Ravena (1512), seguida de lista de mortos nessa batalha: fl. 146v-148v.
- 9) Anais históricos do reinado de D. Manuel: fl. 149-150v.
- 10) Títulos nobiliárquicos de Portugal, Castela, Aragão, Valência, França, Inglaterra, Alemanha e Escócia: fl. 151-154v.

Como facilmente se constata, estes dois manuscritos da Biblioteca da Ajuda contêm exatamente a mesma compilação de textos historiográficos. Mais que isso: a semelhança da letra usada em ambos é tal que me parece poder afirmar estarmos perante duas cópias feitas pelo mesmo copista. Há apenas duas diferenças a assinalar entre ambas: por um lado, a lista de títulos nobiliárquicos aparece em locais diferentes de A1 e de A2; por outro, A1 tem alguns textos que não estão em A2. É possível, contudo, que uma inspeção minuciosa deste último manuscrito (dificultada, como disse, pelo estado em que se encontra) venha a revelar que as omissões de textos em A2 são ainda em menor quantidade do que as descrições que aqui inseri fazem supor.

2.2. Conteúdos, datação e origem dos *Anais quinhentistas da Ajuda*

Esta compilação analítica tem a introduzi-la, e a contextualizá-la, uma descrição do mundo limitada à Europa, Ásia e África (o que indicia que esta

³² VALENTIM, *Uma família de Cristãos-novos de Entre-douro-e-Minho: os Paz*.

³³ FARO, *Receitas e despesas da fazenda real de 1384 a 1481 (Subsídios documentais)*, pp. 55-117.

descrição remonta, na sua versão original, a uma época bem anterior à das cópias conhecidas) e um cômputo das famosas idades do mundo. Estas são, de acordo com esta contagem, as seguintes: de Adão a Noé; de Noé a Abraão; de Abraão a Moisés; de Moisés a David e de David a Cristo. Trata-se de um cômputo pouco comum, que não coincide com a divisão mais conhecida e divulgada, estabelecida por Agostinho e Beda, mas ocorre em alguns autores da baixa Idade Média³⁴. Os anais propriamente ditos vêm imediatamente depois e seguem, *grosso modo*, a ordem cronológica, começando pelo nascimento de Alexandre Magno e prosseguindo com diversos acontecimentos da história universal e, sobretudo, peninsular, antes de entrar a tratar do reinado de D. Afonso Henriques, momento a partir do qual as entradas se ocupam de acontecimentos dos sucessivos reinados portugueses, até ao ano de 1525 ou de 1529 (consoante as cópias), já no início do reinado de D. João III. Como em seguida veremos, a parte inicial destes anais tem evidentes pontos de contacto e mesmo entradas em comum com a já referida *Iª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* e com anais castelhanos. A maior parte das entradas são, porém, dedicadas a acontecimentos do reinado de D. João I de Portugal e seguintes (especialmente dos reinados de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel), e algumas tratam de acontecimentos não conhecidos através de outras fontes narrativas. Quando foram compilados estes anais e por quem?

Quanto à datação, temos dois aspetos a considerar. Por um lado, a datação aproximada dos testemunhos manuscritos, que naturalmente constitui o *terminus post quem* máximo possível da compilação de anais neles copiada, aponta, com base na letra utilizada e nos conteúdos, para as primeiras décadas do século XVI. Como atrás vimos, a cópia destes anais presente em A1 termina com uma entrada relativa ao ano de 1529, ao passo que a cópia presente em A2 termina com uma entrada relativa ao ano de 1525, a qual é a penúltima das que constam de A1. Em A2, nota-se que esta última entrada foi acrescen-

34 A divisão mais comum foi, como é sabido, originalmente estabelecida por Agostinho e consiste na seguinte sucessão: de Adão até Noé; de Noé até Abraão; de Abraão até David; de David até ao cativo na Babilónia; do cativo na Babilónia até Cristo. Veja-se DUNPHY, "The Six Ages of the world". Para exemplos de contagens que, tal como a destes manuscritos da Biblioteca da Ajuda, consideram Moisés como início de uma idade, veja-se GRZYBOWSKA, "The topos of the ages of the world in the first sermon on Dominica Septuagesimae of Mikolaj of Blonie" e EMMERSON, "Apocalypse and/as history", p. 54. É também de notar que versões de um texto conhecido como *Ordo annorum mundi* apresentam uma divisão semelhante à destes anais. Uma versão abreviada do *Ordo* encontra-se no *Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra*: FURTADO, "Writing History", p. 18.

tada posteriormente: encontra-se no final da página, após um amplo espaço em branco, e, ao contrário das anteriores, está disposta em uma única coluna que ocupa o espaço reservado às duas colunas usadas até então. Retiro daqui duas conclusões: que A1 é cópia de A2, tendo o copista daquele integrado a entrada sobre a falta de sal em Coimbra e acrescentado a entrada sobre o casamento do infante D. Fernando; e que a compilação analística data, na forma como a conhecemos, de 1525. Esta datação é corroborada por uma referência a D. Joana, a Excelente Senhora, como estando ainda viva (A2, fl. 117r); sabendo-se que a sua morte ocorreu no ano de 1530, estes anais são anteriores a esta data. Podemos, portanto, estabelecer para esta compilação analística, na forma como a conhecemos, a data de 1525-1530.

Porém, uma outra entrada, situada no início e algo obscura (ou obscurecida pelo copista) parece apontar para uma datação anterior, facto que faz supor que esta compilação que conhecemos seja a continuação de uma outra série de anais. Essa entrada é a seguinte, em cada uma das duas cópias (sublinho as lições divergentes):

A1: Naceo noso *Senhor jeshus christo* hem betlem aos b̄jcento e tres annos da criaaom do mundo e aguora neste āño presentem ha myll e quinhentos annos que naço³⁵ (fl. 99v).

A2: Naceo *christo* noso Redentor hem betlem aos b̄jcentoiij annos da criaçam do mundo e aguora neste āño presentem ha sejs mjll e quinhemto [sic] e xx annos (fl. 113r).

Lendo à letra, temos que, de acordo com a lição de A1, esta parte inicial dos anais foi escrita no ano de 1500 da era Cristã. Segundo a lição de A2, foi escrita no ano de 1417 (6520 - 5103). Quer uma, quer outra destas datações revelam a existência de uma versão anterior à conhecida. Mas a circunstância de, como afirmei, A2 ser cópia de A1 conduz-nos a aceitar a datação de 1417 como a primitiva. A lição de A2 pode ser vista como uma espécie de *lectio difficilior*, simplificada em A1. Assim sendo, poderemos estabelecer a seguinte ordenação:

1: * Anais quatrocentistas (1417)

2: Acrescento de entradas sobre a história de Portugal até 1525 (A2)

3: Acrescento de entrada sobre o ano de 1529 (A1).

35 Uma mão posterior deixou um comentário marginal constituído por uma palavra, mas de cuja leitura tenho dúvidas: “herro”?

Quanto ao local de produção destes anais, tal como nos chegaram (isto é, na forma correspondente aos números 2 e 3 do esquema anterior), eles foram certamente escritos por um cónego português da Congregação de S. João Evangelista, conhecidos por Lóios, mais concretamente numa das Casas de Lisboa desta congregação, ou em S. Bento de Xabregas ou em S. Elói³⁶. Com efeito, existe na parte final destes anais, dedicada à história de Portugal (a mais extensa de todas, como vimos), um conjunto muito significativo de notícias sobre personagens ou mosteiros ligados a esta Congregação, com um grau de veracidade³⁷, detalhe e encómio sem paralelo com qualquer outra instituição (com a natural exceção da Casa Real portuguesa, cujos laços com os Lóios, aliás, não deixam de ser mencionados). Só mesmo os Lóios de Lisboa poderiam saber, ou poderiam estar interessados em destacar, notícias como as seguintes:

- origens da Congregação de S. João Evangelista e chegada desta Ordem a Portugal, destacando-se o papel que D. João, depois bispo de Lamego e de Viseu, e D. Afonso Nogueira, depois arcebispo de Lisboa, tiveram no estabelecimento dos Lóios em Portugal (A2, fl. 115v);

- fundação do mosteiro de Xabregas pela rainha D. Isabel, mulher do rei Afonso V, com referência aos privilégios desse mosteiro (A2, fl. 117v);

- papel do antigo bispo de Viseu, D. João, na reforma da Ordem de Cristo, especificando-se que antes de atingir a dignidade episcopal, ele foi da Ordem de S. João Evangelista. Estas informações surgem na entrada dedicada à morte do infante D. Henrique. É claro que só alguém relacionado com os Lóios as referiria, a esse propósito (A2, fl. 118r);

- sepultura da infanta D. Catarina em Santo Elói de Lisboa (A2, f. 118v);

- entrada de D. João de Azevedo, após renúncia ao bispado do Porto, em S. João de Xabregas, no qual tomou hábito pardo (e não azul – especifica o texto), vivendo uma santa e áspera vida de penitências (A2, fl. 122r).

Apesar de ser possível estabelecer uma ligação direta entre estes anais e os lóios, essa associação não se aplica necessariamente à compilação historiográfica mais ampla de que os anais fazem parte, nem aos dois manuscritos que os contêm. Contudo, o facto de essa compilação incluir pelo menos

36 MOREIRA, “Os anais portugueses (séculos XIV-XVI) e a *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses* (BITAGAP)”, p. 4.

37 Sobre a história desta Congregação em Portugal, veja-se PINA, *Os Lóios em Portugal: origens e primórdios da Congregação dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista* e PORTALEGRE, *Novo Memorial do Estado Apostólico*.

mais um texto inequivocamente produzido por um lóio — designadamente, uma das conhecidas cartas de Paulo de Portalegre sobre a morte do duque de Bragança, conforme referi anteriormente — sugere que os manuscritos atualmente conhecidos destes anais podem também ter tido origem no ainda pouco estudado *scriptorium* dos lóios.

2.3. Os *Anais da Ajuda* e anais castelhanos

Apesar de a maior parte das entradas destes anais serem sobre a história portuguesa, ela é enquadrada, como já disse, por uma breve história universal e ibérica. Entre as entradas pertencentes a este grupo inicial, estão algumas claramente comuns às séries analísticas de cujas relações tratei no ponto anterior. Incluo em seguida a lista dos conteúdos das entradas iniciais dos *Anais quinhentistas da Ajuda* (na edição em anexo podem ver-se na íntegra). Quando há coincidência com a *1ª Crónica Breve* (1CB), o *Cronicon Cordubense* (CC) e os *Anales del infante* (AI), indico-o entre parêntesis:

- [1] Nascimento de Alexandre (= 1CB)
- [2] Nascimento de Júlio César
- [3] Nascimento de Jesus Cristo (= 1CB, AI, CC)
- [4] Início e fim do reino dos Godos em Espanha, com Atanarico e o rei Rodrigo
- [5] Batismo de Constantino e a Igreja senhora do império (=1CB, AI, CC)
- [6] Acordam os sete dormentes
- [7] Início da seita dos muçulmanos (= 1CB, AI, CC)
- [8] Perda da Espanha no tempo do rei Rodrigo, depois recuperada por Pelayo (= 1CB, AI, CC)
- [9] Fundação da Ordem de Santiago em tempos de Ramiro I (= 1CB, AI, CC)
- [10] Morte dos doze pares (= 1CB)
- [11] Grande fome no reino de Leão, provocada pelo pecado nefando do rei Bermudo.

A esta lista, podemos acrescentar entradas sobre a conquista de Córdova e de Sevilha, que, de acordo com a cronologia, aparecem bastante mais à frente. Por essa razão, não as edito no anexo e transcrevo-as aqui:

Na era de j iicentos xxxb anos el Rey dom fernamdoe ho segumdo de castella tomou cordoua aos mouros dia de sam pedro he sam paullo que forõ aos vymte e nove dias do mes de Junho
 Na era de j iicentos Rbiiij años foy tomada sehjlha no mes doutubro e foy cercada primeyro oyto meses

A comparação desta série analística da Ajuda com a *1ª Crónica Breve* e com os anais andaluzes (*Crónicon Cordubense* e *Anales del infante*) permite, assim, ver a existência de um conjunto de entradas comuns a todos eles:

Nascimento de Cristo
 Batismo de Constantino, a Igreja senhora do império
 Começo da seita dos muçulmanos
 Reinado de Rodrigo com a perda de Espanha
 Começo da Ordem de Santiago, em tempos do rei Ramiro
 Conquista de Córdoba
 Conquista de Sevilha

Além de duas entradas que são comuns aos *Anais da Ajuda* e à *1ª Crónica Breve*:

Nascimento de Alexandre
 Morte dos doze pares

A conjugação destes factos leva a pensar, por um lado, que os *Anais da Ajuda* são, tal como a *1ª Crónica Breve*, derivados do antecedente comum aos anais andaluzes; por outro, que o antecedente imediato dos textos portugueses seria o mesmo, e diferente do antecedente imediato dos textos castelhanos, pois neste faltaria a notícia sobre a morte dos doze pares. Existe, contudo, uma importante diferença a assinalar entre os textos portugueses: é que ao passo que a *1ª Crónica Breve* segue sem quebras o esqueleto básico comum aos anais castelhanos, os *Anais da Ajuda* interpolam ou amplificam algumas entradas. Não é possível saber com exatidão se tal se deveu ao compilador destes anais (seja o dos hipotéticos anais quatrocentistas³⁸, seja o dos anais na forma em que os conhecemos) ou decorre da consulta de uma versão castelhana diferente da que está na origem dos restantes conjuntos analísticos aqui considerados – ou das duas coisas. Mas vejamos essas interpolações específicas dos *Anais da Ajuda*, com alguns comentários.

[2] Nascimento de Júlio César

A presença simultânea do nascimento de César e de Alexandre pode relacionar-se com algum tipo de listas de famosos similar, por exemplo, à dos

³⁸ Recorde-se o que digo mais atrás acerca da datação destes *Anais da Ajuda* e das suas possíveis camadas redatoriais.

nove da fama, que tanta fortuna teve na baixa Idade Média, também na Península Ibérica³⁹. Independentemente disso (e da enorme difusão que estas duas figuras históricas tiveram ao longo da Idade Média), dir-se-ia que estes Anais se servem de ambos para construírem uma determinada sucessão de poderes: Alexandre (senhor do mundo), César (senhor de Roma), a Igreja senhora do Império, Godos (senhores da Espanha), reis de Portugal.

[4] Início e fim do reino dos Godos em Espanha, respetivamente com Atanarico e o rei Rodrigo

Certamente, esta entrada contribui para o estabelecimento da sucessão de poderes atrás identificada. Chama, porém, a atenção a afirmação de que Rodrigo foi o último rei dos Godos. Com isso, o texto recusa a ideologia neogoticista tão difundida pela Coroa castelhana desde há séculos (e ainda muito relevante no século XV)⁴⁰, o que sugere que esta entrada não tenha origens castelhanas ou tenha sido manipulada pelo compilador português.

[6] Acordam os sete dormentes

Trata-se da famosa lenda, muito divulgada pela Península Ibérica quer por via ocidental (p. ex. Jacopo de Voragine), quer por via oriental muçulmana⁴¹. A versão aqui presente é a versão cristã, mas não conheço outro testemunho da lenda que a situe no tempo de Eurico.

[11] Grande fome no reino de Leão, provocada pelo pecado nefando do rei Bermudo.

Desconheço qualquer outro testemunho desta associação de uma fome no reino de Leão com um pecado “abominável e feio” (sodomia?) de um rei Bermudo⁴² de Leão – Bermudo III, a crermos na cronologia apresentada. Não creio que tenha origens portuguesas, já que a memória de qualquer um dos reis leoneses assim chamados limitou-se, em Portugal, à reprodução do que diziam as crónicas castelhanas. A história tem, contudo, um evidente tom anti-leonês e, em conjunto com a recusa neogoticista que atrás apontei, aponta para uma clara depreciação, ou distanciamento, face aos poderes centrais da

39 AZEVEDO, *Uma interpretação histórico-cultural do Livro do Armeiro-Mor*, pp. 91-102.

40 Entre muitos outros, veja-se a súpula de PRIETO, “La ideologia goticista en los prehumanistas castellanos: Alonso de Cartagena y Rodrigo Sánchez de Arévalo”.

41 LA SPISA, “The seven sleepers legend as a case of universal hagiography. The EuTra-dOr interdisciplinary research project”.

42 Entendo que o Bermudez que se lê em ambos os manuscritos é erro por Bermudo e nisso baseio todo o meu raciocínio. Cabe, porém, a possibilidade de tratar-se de patronímico, faltando o nome. Seria, assim, um filho de um rei Bermudo.

Península. A notícia deve, por isso, ter sido selecionada ou manipulada pelo compilador português, ainda que com base em materiais lendários castelhanos, galegos ou (menos provavelmente) leoneses.

Este mesmo trabalho de amplificação de materiais não portugueses parece verificar-se também numa das entradas presentes em todos os anais considerados neste trabalho, e por isso certamente derivadas do antecedente comum. Refiro-me à notícia sobre a criação da Ordem de Santiago em tempos do rei Ramiro I. Como já atrás lembrei, esta notícia historicamente falsa tem origem numa das versões da *Estoria de España* de Afonso X, a partir da qual terá passado para o antecedente comum aos anais castelhanos e portugueses aqui estudados. Todavia, a notícia não surge do mesmo modo em todos estes anais. O *Crónicon Cordubense*, os *Anales del infante* e a *1ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* têm uma versão muito breve, certamente herdada do antecedente comum:

[CC] En el anno de Nuestro Sennor de ochoçientos e treynta e dos annos començo la orden de Santiago en el tiempo del rrey Rramiro⁴³

[AI] En la era de 860 años comenzó la orden de Santiago en el tiempo del rey don Ramiro⁴⁴.

[1CB] Era de VIIIcLX se começou a ordem da cavalaria de Sant'Iago, em tempo d'el-rei Ramiro⁴⁵.

Mas a versão dos Anais da Ajuda é amplificada:

Na era de biiicentos xxb annos se começou a hordem de Santiagou hem tempo del-Rey Ramiro ho prymeyro por hũu milagre que *deus* por elle fez ã hũa batalha comtra os mouros quando tomou calahorra homde lhee apareço Santiagou hũa noutee E o esforço e certefiquou da ujtoriaa E foy hamdar pelejãdo hem cima de hũu cauallo bramquuo

A referência a Calahorra remete-nos imediatamente para o célebre Privilégio dos Votos de Santiago, uma falsificação elaborada em Santiago de Compostela em meados do século XII e posteriormente muito difundida com

43 LOMAX, “El *Cronicón Cordubense* de Fernando de Salmerón”, p. 619.

44 BENÍTEZ e VALDALISO, “Los anales del infante: un registro analístico inédito del reinado de Alfonso XI”, p. 458.

45 PEIXOTO, *Crónicas Breves e Memórias Avulsas de S. Cruz de Coimbra*, p. 91.

relevantes consequências⁴⁶. Tal como está, esta entrada deve resultar de um trabalho de amplificação da notícia original (preservada nos restantes anais), a partir do conhecimento direto ou indireto desse Privilégio.

3. CONCLUSÕES

Entre os inícios do século XV e os inícios do século XVI, circulou em Portugal um listado analístico que tinha estado já na origem de diversos anais castelhanos, notoriamente da região andaluza. Esse listado foi copiado em Santa de Cruz de Coimbra, aparentemente sem grande intervenção do compilador português. Este não é, contudo, o único testemunho português da circulação desse mesmo listado. Um outro, de complexa estratigrafia, composto em diferentes fases entre 1417 e 1525/1529, foi produzido pelos Lóios de Lisboa, uma congregação religiosa de que não se conheciam até ao momento interesses historiográficos que não os da história da sua própria ordem. Partindo da mesma base analística que a *1ª Crónica Breve*, esta segunda compilação analística teve, porém, acesso a materiais adicionais de origem peninsular e aparenta ter tido um papel mais interventivo, amplificando algumas das entradas. Apesar dos avanços no conhecimento da circulação textual entre Portugal e os restantes peninsulares, permanece ainda muito por investigar e descobrir, especialmente no que a textos analísticos diz respeito⁴⁷.

ANEXO

Edito em seguida a descrição do mundo e as entradas de história universal e ibérica dos Anais quinhentistas da Ajuda, a partir do manuscrito BA 51-X-22. Separo ou uno palavras e desenvolvo abreviaturas em itálico. As epígrafes são destacadas. Entre parêntesis, indico os respetivos fólhos e colunas e, no caso dos anais, o número de ordem de cada entrada.

[111r] **SEGUESE HÛA memoria he breue declaracaom per que Se posam ver he conhecer as ydades que foram des do começo**

46 VILLANUEVA, *Santiago: trayectoria de un mito*, pp. 188-189.

47 Agradeço a Carmen Benítez, Elena Lombardo, Joana Gomes, Mariana Leite e, muito especialmente, ao pessoal da Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, por apoios vários na elaboração deste trabalho.

do mundo e aSy muitas cousas que pellos tempos na hespanha he princippalmente neste Regno de purtuquall hate ho presentte Anno Socederom Começando loguo

A PRImeira hee de saber que ho mumdo todo hee diuididoo hem tres partes .s. asya afriqua heuropa e naa parte de asya princippallmête Ja [sic] ho parayso teReall ho quall he asytuado na melhor e majs alta parte do mundo E na parte do houriemte he de demtro della saem quatro Rios principaes de que toda a terra partycipa e he Reguada hoos nomes dos quaes Rioos som estes fisom e geom tegris heufrates [B] nom hee escripto por homde corree E ysto segumdo ho genesy no capitollo segumdo E neste parayso forom hos nossos primeyros padres criados E pollo pecado daa soberba forom delle fora lamçaa-dos E porem naquellaa ydadee se deue notar *que* has vidas dos homêes forom muy perlomgadas homde ho nosso primeyro padree adaom vyueeo novecemtos e trimta annos E caym seu filho vyueo noueçemtos e dez annos haset outro filho de adão vyueo noueçemtos e dozee E noee filho de set vyueo *nouecentos* b annos raynaom vyueo [111v] *cento* xx annos que hera filhoo de enoc malaell *filho* dee carnam veueo viij *centos* Rb annos Jaret filho de malaell viueeo cxlxii annos enoc filho de Jaret viueo *iiicentos* lxb annos hamte de seer trasladado ao paraiso terreall matusalem *filho* de enoc vyueo *centolxix* annos lamet filho de matusalem vyueo *biilx* b i j annos noe filho de lamet viueo *bcentos* annos hamte do deluuio he depois ujueo *iiijcentos* annos E asy vyueo per todo ho tempo de sua vyda *centoxl* annos //. hem que se acabou ha primeira ydade do mûdo E daly por diamte se hemcurtarom as vydas dos homêes segumdo se escreue no genesy no capitollo b e depois do deluujo quamdo as agoas se abayxarom ficou a arca de noe sobre hos momtes darmenja⁴⁸ o presentte *tempo* ho quall tem de cõprido *iiijcentos* couodos e de lõgo Lta E de alto xxx a porta dela Esta ã cima e tem de hũa parte hũa fresta de hũ couodo abaxo da cubertura [B] Nesta parte de asia que acima dysemos depojs do parayso terreall jazem as himdias he persia e siria judea arabia armenja silicia parthia albanja babilonja frigia hircania macedonja tesalona mesoponja amazona creta egipto bytinia capadocia bratiria⁴⁹ caldea hetiofia pemthaplim⁵⁰

48 Segue-se palavra riscada: “ate”.

49 i.e. Bácia.

50 i.e. Paentapole.

Segese de africa

libia getulia maureetania cedat⁵¹ cartaguo bretanha fenicia media memidia⁵² samaria tripolitanja chipre relicia cerdenja corregua

Da europa

A quall Se deuydem grecia alemanha ytalya framça espanha

Regnos

hungria polonja boe [112r] mya Scoçia Jmglaterra daçia sueçia noruega

prouincias

silicia halbania mesya samxania mitina framquonja latoringya haustria suenia braamâte holamda zelada frisa ybernia islanda

de grecia himperio he Regnnos

Constantinopla daallmaçia croacia traçia chypre

provincias

magnesia acaya aticaa boeçia lacedemonja

hitallia

Roma Napolles toscana lombardia

[B]

framça

bretanha normandia giona saboya picardia borguonha pytania afora outras prouïcyas

hespanha

framça guotira narboona tolosa castella leõ haraguam catalunhaa nauarra granada bizcaya gualliza portuguall

hidades do mûdo comuem a saber

A primeira hidade desde adaam ate noe hem que forom dous mjll he duzentos e Rij annos

51 i.e. Shedet.

52 i.e. Numidia.

A segunda ydade foy desde noe atee abram hem que foram noveçentos e Rij annos

A terçeyra ydade [112v] foy desde abraam hatee mouses hem que foram seis çentos E cimquo Años

A quata [sic] hidade foy desde mouses ate dauid hem que foram mjll he trezentos he quoatorze Años

A QUIMTA HIDADE FOI desde daujd hate a vimda de *christo* nosso Redentor he a quall foram mjll e çentanos E asy foram per todos des do começo do mundo atee vynda de *christo* sejs mill e çemto e tres Años puseromse estas ydades aquj por lembrança hem que foram escusadas senam somemtee pera ho genesy pertemçee serem escritaas

[113r]

[1] He de saber que ho gramde alixandre que ho mundo senhoreaua naceo aos çyquo mjll e oyoçentos e setemta annos he trees meses he dous diaas da criaçam do mūdo

[2] Naceo Julio cesar aos sejs mjll e sesemta e çimquo annos da criaçam do mundo hamte da vynda de noso *senhor Jesus Christo* trimta he trees annos

[3] Naceo Christo noso Redentor hem betlem aaos bñ cento iij annos da criaçam do mundo e aguora neste año presente ha sejs mjll e quinhemto e xx annos

[4] Na era do naçimentoo de nosso [sic] *Jesus Christo* de iicentos Riiij annos que começarõ ha Regnar hos guodos nas espanhas sendo Rey atanarico que foy delles ho primeiro Rey e Regnarõ iicentos Lxxbj annos hem que foram trimta he seis Reyys [sic] cõ [B] ElRey dom Rodrigo que foy ho deRadeyro Rey dellos [sic] hem cujo tempo se perdeo casi toda espanha

[5] Na era de iijcentos lxx anos do naçimento de nosso *senhor Jesus Christo* semdoo bispo de Roma Sam Syluestre foy comuertido he bautizado ho hemperador constantino he fez a santa jgreja *senhor* do himperio Romano

[6] Na era de iijcentos annos do naçimēto de *Christo* hem tempo delRey heuriguuo noueno Rey dos guodos acordarom hos sete dormentes que avyam jlxxx annos que dormjam hem hũa coua hem que se meterom por medo Do hemperador deçio quee hatormētaua os cristãos

[7] Na era de bjcentos bj años do naçimentmo de noso *senhor Jesus Chris-*

to se começou ha malluada seita dos mouros he [sic] arabia⁵³ per mafamede hemuëtor della hem tempo delRey loaiba o terçeiro que foy

[113v]

[8] ⁵⁴Na era de bijcentos xix annos do naçimêto de *Christo* se perdeo toda a espanhaa ate as esturias hem tempo delRey dom Rodrigo deRadeiro Rey dos guodos e despois foy Recobradaa polo jmfamte pelayo que per vomtadee de *deus* escapou com allgũs crystãos nas esturiaas que todo ja era tomado

[9] ⁵⁵Na era de biiicentos xxb annos se começou a hordem de Santiago hem tempo delRey Ramiro ho prymeyro por hũu milagre que *deus* por elle fez ã hũa batalha comtra os mouros quamdo tomou calahorra homde lhee apareço Samtiago hũa noutee E o esforçou e certefiquou da ujtoriaa E foy hamdar pelejãdo hem cima de hũu cauallo bramquuo

[10] ⁵⁶Na era de nouecentos annos de nosso señnor *Jesus Christo* foram mortos hos doze parees

[B]

[11] Na era de cento [sic] xl años foy tam gramde a mĩgoa do pão no Regno de liam que has gentes pereçiam a famee e isto pollos pecados delRey dom bermudez quue hemtam Regnaua na hespamha por hũ peccado abomjnabble e feo

[12] ⁵⁷Na era de jxxb annos aos xxix dias do mees de junho tomou ha çidade de coimbra aos cristaos [sic] el Rej allmãçor que por elles estauaa

[13] Na era de jxxbiiij Annos tomou ho dito allmançor monte moor o uelho aos cristaaos [sic]

[14] Na era de jxxx annos aos xxx⁵⁸ dias do mees de nouembro el Rey dõ fernamdo ho primejro deste nome de castella tomou a cidade de laameguo aos mouroos que por elles estaua

53 Anotação marginal, do século XVI: “começou a ma seita dos mouros”.

54 Anotação marginal, do século XVI: “perdeose [a] espanha”.

55 Nota marginal, em letra do século XVI: “começo da [o]rdem de [san]tiago”.

56 Anotação marginal, em letra do século XVI: matarõ os xii pares.

57 Anotação marginal, em letra do século XVI: “toma[....]”.

58 Parece corrigido para “xxix”.

[15] Na era de ̃xxxj annos [114] Aos xxb dias do mees de julho este Reey dom fernamdo tomou viseu aos mouros ã dia de santiaguo cõ grande mortimdadee

[16] Na era de ̃xxx b annos hem dia de Santiago este mesmo Rey tomou coymbra aos mouroos com ajuda do cidee Ruj diaz *que* ã todo lhajudaua

[17] Na era de ̃lxxxij annos el Rey dom afomssoo ho sexto deste nome hem espanha a que chamarom ho da mãao furada tomou a çidade de toledo aos mouros

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de, *Uma interpretação histórico-cultural do Livro do Armeiro-Mor*, Lisboa, s/ed., 1966.
- BENÍTEZ, Carmen e VALDALISO, Covadonga, “Los Anales Cordubenses y la historiografía breve andaluza de la Baja Edad Media”, *Talia Dixit*, 16, 2021. <https://doi.org/10.17398/1886-9440.16.59>. [30 setembro 2025]
- “Los anales del infante: un registro analístico inédito del reinado de Alfonso XI”. *Instus-Legere Historia*, 15 2, 2021. <http://intushistoria.uai.cl/index.php/intushistoria/article/view/463>. [30 setembro 2025]
- BAUTISTA, Francisco, “Breve Historiografía. Listas régias y anales en la Península Ibérica (siglos VII-XII)”, *Talia Dixit*, 4, 2009. <https://dehesa.unex.es/entities/publication/6f2eb185-4ed6-44a1-be0a-3541f3ac4dd4>. [30 setembro 2025]
- BIBLIOGRAFIA DE TEXTOS ANTIGOS GALEGOS E PORTUGUESES (dir. Maria de Lurdes Rosa e Filipe Alves Moreira), https://philobiblon.upf.edu/html/bitagap_en.html. [30 setembro 2025]
- CRUZ, António, *Anais, crónicas e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1968.
- DUNPHY, Graeme, “The Six Ages of the world” in Graeme Dumphy (ed.), *The Encyclopedia of the Medieval Chronicle*, Leiden, Brill, 2010, Volume 2, pp. 1367-130.
- EMMERSON, Richard K., “Apocalypse and/as history”, in Jennifer Jahner, Emily Steiner, Elizabeth M. Tyler (eds.), *Medieval Historical Writing*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, pp. 51-66.
- FARO, Jorge, *Receitas e despesas da fazenda real de 1384 a 1481 (Subsídios documentais)*, Lisboa, Centro de Estudos Económicos, 1965.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés, *Versión Crítica de la Estoria de España. Estudio y edición desde Pelayo hasta Ordóño II*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da, *Crónicas Breves e Memórias Avulsas de S. Cruz de Coimbra*, Lisboa, e/ed, 2000.
- FURTADO, Rodrigo, “Writing history in Portugal before 1200”, *Journal of Medieval History*, 47:2 (2021). <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03044181.2021.1902375>. [30 setembro 2025]
- GRZYBOWSKA, Lidia, “The topos of the ages of the world in the first sermon on Dominica Septuagesimae of Mikolaj of Blonie”, *pl.it/ rassegna italiana di argomentazioni polacchi*, 14, 2023. <https://bibliotekanauki.pl/articles/28407892> [30 setembro 2025].
- LA SPISA, Paolo *et alii*, “The seven sleepers legend as a case of universal hagiography. The EuTradOr interdisciplinary research project”, *EURAS Journal of Social Sciences*, 2 (3), October 2023, pp. 121-144.

- LOMAX, Derek, “El Cronicón Cordubense de Fernando de Salmerón”, *En la España medieval* 2 (1982), pp. 595-642.
- MOREIRA, Filipe Alves, “Os anais portugueses (séculos XIV-XVI) e a Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses (BITAGAP)”, *Madrygal. Revista de Estudos Gallegos* 26, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.5209/madr.100889> [30 setembro 2025].
- NASCIMENTO, Aires e MEIRINHOS, José, *Catálogo dos Códices da Livraria de Mãe do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1997.
- PINA, Isabel Castro, *Os Lóios em Portugal: origens e primórdios da Congregação dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista*, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2011.
- ROSA, Maria de Lurdes, *Santos e demónios no Portugal Medieval*, Porto, Fio da Palavra, 2010.
- PORTALEGRE, Paulo de, *Novo Memorial do Estado Apostólico*, ed. Cristina Sobral, Lisboa, Roma Editora, 2007.
- PRIETO, Josué Villa, “La ideología goticista en los prehumanistas castellanos: Alonso de Cartagena y Rodrigo Sánchez de Arévalo. Sus consideraciones sobre la unidad hispano-visigoda y el reino astur-leonés”, *Territorio, Sociedad y Poder*, 5, 2010, pp. 123-145.
- VALDALISO, Covadonga, *Los anales sevillanos de 1407. Estudio y edición de la última parte de la Estoria del fecho de los Godos*, Tesis Doctoral inédita, Universidad de Alcalá, 2023.
- VALENTIM, Carlos Manuel, *Uma família de Cristãos-novos de Entre-douro-e-Miúdo: os Paz*, Dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.
- VILLANUEVA, Francisco Márquez, *Santiago: trayectoria de un mito*, Barcelona, edicions bellaterra, 2004.